A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

QUINTA REAL DE QUELUZ

CHRONICA

Decididamente, a raça latina distanceia-se muitissimo da raça teutonica na pureza dos seus costumes, nos processos da sua politica, na sua maneira de proceder e de existir. E' ver os allemães. Emquanto elles conquistam roubando, e provocam as inimisades da Europa, chamando seu áquillo que os outros descobrem, nós passamos a vida a descobrir, para sermos depois escandalosamente roubados por qualquer Bismarck aventureiro d'unha na palma.

E já vem de longos tempos isto. A existencia dos portuguezes tem sido gasta em explorações e descobertas gloriosas, que só aproveitam aos outros. Exploramos por nossa conta e risco, para que mais tarde nos explorem a nós por conta alheia e sem risco algum. Mantemos galhardamente o posto da vanguarda nas odysseas heroicas do continente negro, fazemos achados preciosissimos, realisamos travessias fecundas e brilhantes, orgulhamo-nos d'egualar as obras dos Cameron, dos Stanley, dos Levingston, e no fim de contas empalmam-nos tudo, chegando até, ás vezes, a empalmar-nos a gloria das descobertos e dos commettimentos.

Todavia, ha ainda quem se aventure a atravessar a Africa, em demanda de terrenos desconhecidos; encontram-se ainda, entre nós, uns audaciosos e uns valentes, que teem a abnegação extraordinaria de apontar á cubiça de Bismarck novas regiões africanas até hoje ignoradas do mundo inteiro.

Elles bem sabem que, quanto mais descobrimos, mais nos arrebanham; mas o amor da sciencia e da civilisação impelle-os. Guiados por esse sentimento nobilissimo, que lhes enche a trasbordar os corações generosos, enthusiasmados pelas tradições do nosso passado gigante, vão-se á descoberta do ignoto com a mesma facilidade com que nós poderemos ir ao Dafundo, e achamnos, nem mais nem menos, que o caminho commercial atravez da Africa, entre as provincias de Moçambique e Angola.

Loucos sublimes, fanthasistas denodados, poetas sonhadores mas praticos tambem, abandonam o conforto do seu lar, sem preoccupações nem receios, lançam mão da bussola, e dão-nos, n'um abrir e fechar d'olhos, a posse effectiva da Africa central, esquivando-se modestamente aos agradecimentos do paiz que os applaude, sabendo que a sua temeridade heroica só póde ser paga na moeda da gratidão, pois que de outra não dispõem os pobres, como nós somos.

Referimo-nos a Capello e Ivens, os modernos representantes d'essa grey de audaciosos, onde figuraram Colombo e Vasco da Gama.

E' claro que não podiamos deixar de fallar d'elles, quando, em todos os recantos de Portugal, os seus nomes gloriosos são proferidos com louvor e assombro, quando a realeza, o povo, o governo, o jornalismo, a marinha e o exercito, estreitamente unidos no mesmo pensamento, lhes preparam uma recepção enthusiastica.

Estão prestes a chegar aquelles dois benemeritos. O que fizeram, toda a gente o sabe pela leitura da sua mensagem enviada á *Sociedade de Geographia de Lisboa*, narrativa simples de feitos homericos e gigantes, descripção modestissima e singela de prodigios de valor e de tenacidade sobre-humana.

Dispondo de minguados recursos e magrissimos subsidios, Capello e Ivens realisaram o milagre de percorrer uma extensão de 4:200 milhas geographicas, das quaes mil e quinhentas em terreno nunca pisado por pés europeus, resolvendo, n'essa viagem verdadeiramente maravilhosa, problemas d'alto valor, buscando as relações das bacias hydrographicas do Zaire e do Zambeze, visitando os maiores centros commerciaes que existem no districto d'aquellas bacias, descobrindo, emfim, um caminho commercial entre as provincias d'Angola e Moçambique.

Moços ambos, e ambos valentes, não se deixaram vencer pela fome, pela doença e pelo desanimo que, de longe em longe, os invadia.

Zombando de todos os obstaculos e de todos os perigos, atravessaram terras desertas e pantanosas; transpozeram atoleiros assassinos; assistiram, impassiveis, á debandada de carregadores poltrões; foram perseguidos e roubados; tiveram febres e escrobuto; marcaram, desde *Libonta* até ás proximidades do lago *Moero*, a sua marcha com as ossadas de dezeseis companheiros perdidos; passaram dias e dias sustentados a carne e fructa dos mattos de Capondes; luctaram com salteadores de má catadura; jornadearam pelos sertões africanos como nós por nossas casas; mas, ao cabo de tudo isto, que representa torturas sem conto e synthetisa arrojos colossaes, os dois illustres exploradores, cansados, gastos, rotos, descalços e doentes, conseguiram realisar a travessia idealisada, traçar o caminho que prende duas provincias portuguezas na Africa, realisar o sonho mais formoso da sua mocidade emprehendedora, ardente e productiva.

Os imbecis que ainda não se despegaram dos *trottoirs* do Chiado, e que teem os nervos entorpecidos n'uma inacção permanente, podem achar isto pouco, receber com um bello sorriso de desdem a narrativa d'este commettimento arrojadissimo. Para elles, preoccupados com a politica de contubernios escandalosos e de syndicatos lucrativos, envolvidos na onda das especulações torpes, que ahi se alastra, ou affeitos á intriguinha deprimente e lilliputiana dos botequins, percorrer a Africa é coisa de pouca monta; dar um passo agigantado na administração das nossas colonias, é tarefa que se leva com uma perna ás costas e a que qualquer insignificante anonymo póde metter hombros.

Mas, Deus louvado, o paiz não é só feito d'estes abortos com um palmo de lingua viperina, que passam tres quartas partes da vida a cuidar de si, a abocanhar a reputação dos outros e a dizer que somos um povo decadente, sem homens, sem valor, sem ideaes, sem arrojo.

A grande maioria do paiz vê em Capello e Ivens— duas verdadeiras glorias nacionaes — um testemunho vivo de que não nos reduzimos ainda a essa apregoada decadencia, que estamos muito longe de chafurdar no lodo onde pullulam as insignificancias réles.

Houvesse um poucochinho mais de bom senso, cooperassem todos com desvelo para o engrandecimento d'esta nesga da Europa, tão nossa e tão querida, uns levando a civilisação ás regiões ultramarinas, outros batalhando pelas prosperidades do continente, e nós veriamos se a Inglaterra, modelo das nações livres, a França, povo de heroes, a Belgica, modelo do Estado constitucional, a Italia, terra do patriotismo, a Austria, exemplo das grandes sensações, a Hollanda, refugio do livre pensamento, e a Allemanha, foco da sciencia e da philosophia, podiam sobrepujar-nos em grandeza, no meio da nossa pequenez e do nosso obscurantismo.

Tambem se dizia da Hespanha que ellá estava abatida, que era um povo de quichotes, e afinal a Hespanha soube agora mostrar-se digna das suas tradições gloriosissimas.

Tornemo-nos nós dignos das nossas, pelos progressos da civilisação e da sciencia, e orgulhemo-nos de poder mostrar ao mundo inteiro, em Capello e Ivens, os brilhantes successores de Vasco da Gama, Colombo e Gil Eannes.

Ligitimo orgulho esse, e feliz de quem o pode sentir!

CASIMIRO DANTAS.

AVENTURAS DE UM GALLEGO

Chamava-se Romão Martinez. Quando se lhe perguntava de que provincia de Hespanha era, respondia invariavelmente, como todos os gallegos, que era do bispado de Tuy, antepondo assim a demarcação ecclesiastica á civil; a honra de poder ao escapar receber a benção do seu prelado, á vangloria de tirar o sombrero á rainha Izabel II.

Tinha 28 annos o Romão quando veio para Lisboa, e 50 quando julgou dever aposentar-se, logo diremos as razões. Quando chegou da terra era um mocetão desempenado, da força motriz de dez cavallos, mas triste e sombrio como um arcipreste do tempo de Filippe II, de lugubre memoria.

Os paes destinavam-no á egreja, e que iam fazer d'elle um abbade, que é das boas coisas que se póde ser em Hespanha: mas o rapaz era bronco como um aguazil, e emperrado no aprender, como um macho manhoso em despejar caminho.

—«Que vá procurar sua vida» resolveu a familia.

E eil-o que parte uma bella manhã para Portugal, trazendo uma carta de recommendação para um primo, aguadeiro do chafariz do Rato, homem que não fazia cara a pesos, e juntára um bom par de vintens, nos tempos felizes da industria gallega, quando os barris d'agua tinham cotação na praça, como os fundos publicos.

Os dois primos abraçaram-se, fallaram dos vivos e dos mortos, e foram ambos jantar á taberna do Nico, bacalhau cosido com batatas, a que o primo mais velho, por bizarria, additou azeitonas. Bebeu cada um d'elles o seu meio quartilho, ainda não estavam em voga os decilitros, e sairam arrotando a alho, e vermelhos como uns tomates.

Ao outro dia estava já o Romão em mangas de camisa, e de sacco ao hombro á esquina do largo dos Inglezinhos. O primo, receiando-se da concorrencia de um alarve que vendia saude, inculcára-lhe o chafariz da rua Formosa, como centro mais vasto para as suas operações industriaes, e desviára de si o parente.

A principio o Romão não se ageitava com a casa de malta, e o sonoro pregão dos companheiros parecia-lhe uma bicha de sete cabeças. D'ahi a mezes, as creadas de servir, que não tinham ordens expressas dos patrões em contrario, não queriam outro freguez. O caso explica-se. O Romão, n'esse tempo, além de ser rapaz de contas lisas, era loiro e encaracolado, e sobredoirava estas prendas com a de ser segredeiro. Aquillo era um mais a mim, mais a mim, de fazer enraivar todos os aguadeiros que vendiam dois barris d'agua por dia, emquanto que a elle, só o que lhe faltava era o tempo para subir e descer escadas.

Veio o fim do semestre. Então é que foi ganhar creditos! Emquanto elle dizia «arreda» punha ao hombro um bahu de seis arrobas, e se o hombro lhe falhava, para africas de maior monta, lá ia o cachaço. que era como uma alavanca. Para os outros fazerem a finesa de lhe chamar bruto, que tal elle não seria!

Quando acabaram as mudanças o Romão andava apalpado, mas não disse nem ai, nem ui Pelo Natal escrevêra elle uma carta á mãe, a primeira depois que viera da terra, dizendo-lhe nos seus cantares, que não se apanhavam trutas a bragas enxutas, que já tinha ao canto da arca cinco moedas e um quartinho, mas que se vira obrigado a botar nas costas um emplasto de pêz de Bergonha, e a beber uns copitos de vinho branco, com umas pitadas de polvora.

A carta que, como todas as missivas d'este genero, principiava por «a minha ao fazer d'esta é boa graças a Deus», tão socegada deixou a velha, que entendeu que a escripta do filho não precisava resposta. O Romão tambem não se affligio com isso. Quando, passados dias, encontrou o primo, contou-lhe com a maior naturalidade que escrevera á mãe, e que esta lhe não respondera, accrescentando, como explicação, que, quando viera da terra, já a deixára com uma dôr em frente da bocca do estomago, e que o algebrista lhe dissera que assim lhe morrera uma burra de que elle tratára, e que pelos geitos que a coisa ia tomando, lhe parecia que a mãe d'elle viria a estoirar.

A' vista da não resposta á carta que o Romão mandára á mãe, concluiram os dois primos que se tinha cumprido a prophecia do curandeiro, e não pensaram mais no caso.

Correram os annos. O rapasola loiro e encaracolado, que era o ai Jesus das cosinheiras, e que por isso comia e bebia á tripa fôrra por conta alheia, começou a sentir que já não estava para chibanças, que andava derreado dos quadris, que se queria barbear e não podia, por que a navalha lhe esbarrava nas pelancas das queixadas, finalmente que se ia abaixo da perna esquerda quando se queria firmar para acertar o passo com os companheiros, nas inaugurações solemnes de uns poucos de quintaes de ambulancias.

Para se preparar para o que desse e viesse, o Romão deitou contas á sua vida, e principiou a emprestar dinheiro a juros, a pinto por moeda e ao mez, segundo as regras da baixa-finança, mas sem deixar de fazer recados, nem faltar ao serviço da bomba, nem mesmo, quando Deus queria, ás labutações dos fins dos semestres.

Elle, que a principio não punha preço ao trabalho, e se contentava como que lhe davam, desde que se metteu a usurario tudo lhe parecia pouco.

Missiva amorosa não a entregava a menos de cento e vinte réis, e se era para casa com guarda-portão, dobrava a partida. Dizia elle que o officio tinha seus precalços, e que a prudencia mandava contar com a botica.

Ao contrario dos companheiros da casa de malta, que elle via morrer á fome para não gast rem dinheiro, elle apenas começou a sentir-se achacado, tratava-se como um fidalgo, umas vezes a iscas de figado, e outras a dobrada, bebendo-lhe por cima um caldo de verduras. Queria viver para gosar.

O diabo, porém, que é o maior dos desmancha-prazeres que se conhece, entrou com elle de semana. O Romão começava a andar triste, a sentar-se no tampo do barril, a tirar fios de estopa de dentro do chinguiço, como quem desfolha malmequeres, a dar ais que pareciam mugidos, a deixar de untar os canêllos com banha de porco, finalmente a dar todos os signaes de um desamparado da graça divina.

O Romão estava apaixonado! A' gallega: olho na mulher, olho no bahu, d'onde ella tirava a miudo basta quantia de caravellas de doze vintens.

Quem era a *Ella* do Compostelano? Vamos dizel-o. Na rua da Atalaya morava um tenente-coronel reformado, em companhia de uma irmã que recebia uma mezada avultada de um brazileiro. que lha deixára por que quizera, o que não impedia que a visinhança rosnasse da liberalidade posthuma do testador.

O tenente-coronel era um paz d'alma, mal entrouxado dentro do casaco á militar, que passava os dias a comer rebuçados, e, a pretexto de se curar de uma tosse chronica, a tomar todas as noites um copo de leite fervido, antes de se deitar. Um palerma!

A sr.ª D. Justina, a irmã, era mulher de poucas letras e muitas carnes, sádia, palradora, amiga de saber das vidas alheias, e tendo apesar de já entrada pela edade, uma certa vaidade no pé, que trazia sempre irreprehensivelmente calçado. Tinha tambem a mania de se decotar, e de pôr broches, com Cupidinhos na attitude de atirarem beijos, o que escandalisava a mulher de um procurador que morava portas fronteiras, e que cada vez que a via fechava a sua, resmungando por entre os dentes. «Farta sejas tu de beijocas até á consummação dos seculos»!

O que se sabia, era isto. O que se suspeitava era muito mais, mas não materia ainda tirada a limpo. Os dois manos tinham uma creada, a senhora Ursula, que resava pelo mesmo breviario da patrôa, salvo na compostura do vestuario, talvez por não ter que dar ao manifesto. Pois foi com a Ursula que o gallego foi esbarrar!

Havia já dez annos que o Romão servia a casa com toda a probidade, pela rasão simples de nada poder roubar nos rebuçados do tenente coronel, nem no fornecimento da casa, que D. Justina fazia directamente e por junto, n'uma mercearia da rua dos Calafates.

Os mesmos dez annos que durou o cêrco de Troya, levou o Romão a atabafar a paixão que tinha pela Ursula, não se denunciando senão pela semana santa, em que a presenteava com uma quarta de amendoas, e dois pães de-ló, de dez réis; e pelo entrudo em que se mascarava d'urso, para lhe ir bailar debaixo da janella, com acompanhamento de gaita de folles. Um homem que durante dez annos teima em querer ser urso, chega a consegir o que deseja. Foi o que aconteceu ao Romão, que se lambia solto havia 40 annos, e se deixou cair na areosca de um casorio. de que logo veremos as consequencias.

Era um domingo do mez de maio. Ergueu-se o Romão pela estrella d'alva, vestio camisa lavada, coisa que religiosamente praticava de 15 em 15 dias, engraixou as sapatas, calçou-as, vestiu a jaleca de belbutina. e sahiu pela porta fóra assoviando, prenda que os companheiros lhe desconheciam. D'ahi a tempos voltou trazendo o cabello cortado á escovinha, e na mão um pequeno papel, com apparencias de sobrescripto. Sentou-se á beira do catre, acalcanhou as sapatas que lhe estavam a roer os tornôzellos, e com um sorriso de beatitude que lhe não era habitual, chamou os dois unicos companheiros que n'aquella occasião estavam na casa de malta, e disse-lhes:

—Pois não querem vocês vêr as alhadas em que eu me metti? Pois esperem que eu já lhes mostro a reinação. E desembrulhando o papel, mostrou-lhes um retrato, que fôra tirar a uma photographia á Penha de França, a rasão de cruzado a duzia. É inutil dizer que o Romão apenas mandára tirar seis. Dois para os patrões da Ursula, dois para mandar para a terra, e os dois restantes, um para si, e o outro... os leitores que adivinhem se poderem.

—«Então que me dizem vocês a esta veronica? Elle sempre se inventam coisas do diabo! Põe-se a gente deante d'um bocado de vidraça, e sai a cara da gente! Até este raspão que tenho na bochecha, o demo do homem passou para o papel! Heim?? Que tal?

—«Verdade, verdade, disse o Bento, você pintado está melhor do que de carne e osso. Que dizes tu, Manuel?

—«A bem dizer, melhor não digo que esteja. Acho lhe assim os olhos a modo vêsgos. Mas o que eu digo é que a tinta se não faz melhor. Mas para que queres tu isso, ó Romão?

—«Eu cá me entendo, disse este, dobrando cuidadosamente os retratos.

E puchando acima os contrafortes das sapatas, e assoviando como quando saira pela primeira vez, entestou pela rua da Atalaya, direito á casa em que morava o tenente coronel, a D. Justina, e a dona dos pensamentos do boçal gallego, que de tal propriedade pouco ou nada devia pagar ao fisco

Que qualidade de bicho era a Ursula? Vamos sabel-o desde já. O tenente coronel e a irmã tinham ido á missa a S. Roque, e tencionaram demorar-se, por que havia chrisma e bôdo aos pobres, e a D. Justina não era mulher para perder festas de graça. O gallego sabia-o, e por isso aproveitara a occasião. Foi direito á cosinha, já sua muito conhecida, e sentou-se n'um escabello, enroscando as pernas nos pés do môcho, para aligeirar os pés do peso das sapatas. A Ursula estava migando cebôlla para um refugado, e as lagrimas caiam-lhe a quatro e quatro pela cara abaixo, o que o namorado Romão tomava por lagrimas de alegria pelo vêr junto de si.

«Venho aqui mostrar-lhe uma coisa, e dizer-lhe outra. E puchando pelo retrato, e apresentando-lh'o, accrescentou: «Então que me diz você ao da Joanna?

•Ai! que é vocemecê pintado! Ai! que está tal qual como o patrão, quando lhe puzeram a cara nos papeis publicos, por elle ter saido juiz da irmandade do Santissimo cá da freguezia!

—Mas que lhe parece? Diga, que eu cá não me offendo.

—Parece-me que você está muito bem conservado para a edade, e para a faina em que anda.

—São favores seus, e que eu não boto fóra, porque ando com a áquella de casar com a sua pessoa.

—Commigo! Com uma mulher que já trintou ha tantos annos!

—Eu não sei se você trintou, ou se deixou de trintar. O que sei é que está como umas natas. E depois, um pão com um bocado, e conforme fôr o bocado, póde vir a deitar dois pães, sem mingua no peso. Não sei se me percebe. Eu tenho para riba de sessenta moedas, que andam a correr mundo. Cá pelos meus calculos você não anda longe d'isto. E vae depois, sessenta com sessenta, faz cento e vinte, sem contar com a sua pessoa, para os noves-fóra. Entende?

—Entendo. Entendo. Mas o peor não é isso. O peor é... não vir você a ser o primeiro...

—Não ponha mais na carta. Quem primeiro vae á fonte... Ora o diabo!

—Eu era então rapariga, e o sr. tenente-coronel só muito tempo depois é que botou as divisas de capitão. N'esse tempo a sr.ª D. Justina tambem andava com o miôlo a rasão de juros, por causa de um brasileiro, que tanto era ella abrir a bocca, como elle a dizer cá estou eu para te servir.Você não imagina que vida regalada a senhora levou por muitos annos... e eu á sombra d'ella. Depois o homem morreu, e nem mesmo ao abalar cá d'este mundo se esqueceu d'ella. Mandou chamar o tabellião, e poz no testamento vinte contos de réis para a senhora, que hão de vir a passar para umas sobrinhas que o homemzinho tinha no Maranhão. Só as pragas que a sr.ª D. Justina lhe rogou, por elle lhe ter posto a calva á mostra com a deixa! Depois veiu viver para a companhia do irmão, e depois o que eu já lhe contei... sem nada lhe ter contado ..

—Sabe o que lhe digo, menina Ursula? E' que eu não sou homem de voltar com a palavra atraz. Quer você casar commigo, ou não quer?

—Eu dizer-lhe que não, não digo; mas tambem dizer-lhe que sim, não digo. Eu sou uma mulher verdadeira. A minha idéa sempre foi casar com o sr. tenente-coronel. Sempre é homem que põe uma banda á cinta. Fallei-lhe n'isso, e elle respondeu:

- Eu, cá por mim, tanto se me dá, como se me deu. Mas olha tu que eu nunca entrei para o monte-pio, e se fecho o olho, tu ficas peor do que estás. Homens não faltam. Deita-te ao solido, que isto de galões não presta para nada.

—O homem tem o juizo no seu logar, additou o gallego. Pois sabe que mais, boto-me a elle para padrinho, e você, quando calhar a talhe de fouce, falle á D. Justina em a levar á egreja. Eu cá por mim, só ponho uma condição: é que você não hade ir ao casorio vestida á franceza. Quero-a de capote e lenço. O branco hade-lhe ir muito bem á physionomia do rosto. Lá diz a cantiga:

Muito brilha o branco branco,
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu conversado.

E zás... deu um abraço na Ursula, e abraço foi elle, que a mulher para se desenvencilhar do alarve, lhe chegou aos olhos com a cebola que estava picando, pondo lh'os vermelhos como um pimentão.

N'isto chegavam a casa o tenente-coronel e a irmã, altercando um com o outro, ella accusando-o de não ser homem, por a não ter despicado de um badameco que lhe dissera coisas pouco orthodoxas a proposito dos Cupidos do broche. O tenente-coronel dizendo que a culpa era toda d'ella, porque o que Deus lhe dera para mostrar o queria, alludindo aos decotes exaggerados da mana.

Estacáram ao vérem o Romão que se queixava de um argueiro que lhe entrára no olho direito, e pedia licença para o refrescar no alguidar da cosinha. Passemos em claro as scenas domesticas que se deram na rua da Atalaya, desde que a Ursula deu parte aos patrões dos seus projectos, até ao dia em que o gallego deu o sim fatal na egreja das Mercês, e foi passar a lua de mel para a quinta da Rabicha.

O que presta para a nossa historia, é saber-se que o Romão, seis mezes depois de casado, já não podia vêr a mulher com os dois olhos que tinha na cara, e que ella lhe pagava na mesma moeda chamando-lhe lapuz, javardo, e Escariote, offensa esta que o gallego não podia tragar.

Viver assim, era viver no inferno. Um dia o Romão entrou em casa com os seus azeites, e o Deus te salve da mulher foi: «A' hora da comida sempre o diabo traz mais um!»

O gallego sentou-se e fallou assim: «Isto de casamento não é o Limoeiro. Por que um homem faz uma asneira não se segue que fique toda a vida debaixo da canga. Amanhã toca a dividir em boa paz o que é de cada um de nós, que eu vou-me para a terra, e você que o diabo a leve para onde não faça falta.»

A Ursula ouviu-o sem pestanejar, e replicou:

«—Não fôra você gallego, que já não zurrava d'essa maneira. Se cuida que me visto de luto, engana-se. Em casa do tenente-coronel nunca me ha de faltar o café com leite ao almoço, que eu já não provo vae para seis mezes. Quem vive com um porco, que remedio tem senão fossar na gamella.»

«—Cuidado, cuidadinho com a lingua. Por ser o fim do semestre não queira você que eu lhe ponha escriptos na cara.

E levantou-se assoviando. Era a terceira vez na sua vida. D'ahi a dias tinha o Romão chegado á terra. O abbade foi visital-o, e perguntou-lhe pela mulher. Respondeu-lhe estoicamente que a puzera com dono. O padre quiz prégar-lhe um sermão, ameaçando-o de o não absolver para a quaresma, e pretendendo explicar-lhe que o casamento era um dos sacramentos de egreja, por sua natureza eterno e insoluvel, mas o escabriado gallego replicava que tambem elle abbade, lhe dissera que os peccados mortaes eram sete, e que aligeirando-se de um, ainda tinha que levar seis aos pés do confessor. O abbade viu que era uma ovelha perdida que lhe voltava ao redil, e dizia depois a quem o queria ouvir, que mau era um homem correr terras onde se traduziam livros do francez, e aonde os senhores reis eram escravos das constituições.

A Ursula, apenas o marido virou costas, abriu uma loja de capella, e poz-se ao balcão a vender cigarros, e boisinhos de papelão, fazendo allusões grotescas ao ausente, e dando tréla aos freguezes que não cheiravam, mas que, por debique, lhe pediam do meio grosso.

Diz-se que se não deve perguntar o fim das historias, mas eu é que não estou de accordo. Respondo mesmo sem m'o perguntarem. O tenente-coronel ia todas as tardes passeiar a S. Pedro d'Alcantara, e á volta sentava-se na loja de capella da Ursula, a quem pedia um copo de agua fresca. Era um affecto macrobio que se rejuvenescia com agua do pote. Um dia veiu, sentou-se, mas não se tornou a levantar. Morrera de uma lesão cardiaca. Não deixou testamento, nem teve necrologio. Que feliz homem!

A irmã, quando soube que ficara no mundo só, teve um chelique. Esquecendo antigos aggravos, acudiu-lhe a mulher do procurador, esfregando-lhe as fontes com vinagre de sete ladrões, e dando-lhe a cheirar estopa queimada. Apenas voltou a si começou a berrar que queria a Ursula, que não tinha quem lhe désse um caldo, que queria morrer junto d'aquella que lhe sabia os seus segredos. A Ursula, que andava já com a loja em debandada, acudiu ao chamamento, allegando que estava prompta a sacrificar os seus interesses ao bem estar da sua patroa. Houve abraços, beijos, lagrimas, coisas estupendas!

E o Romão Martinez, que foi feito d'elle? Nos ultimos annos de vida parecia andar matuto. Em vendo mulher, benzia-se. Em topando com militar fazia-lhe cruzes e dava uns roncos, como de animal selvagem.

Mas não foi doido que o homem morreu. De uma carta recebida na casa de malta, consta que o Romão morrera de um antraz, que lográra perfurar-lhe a rija crusta do cachaço, que elle durante tantos annos exposera ás injurias do chinguiço.

Diz-se do soldado que morre no campo da batalha — que morreu no seu posto. Do Romão póde-se affirmar, que acabou os seus dias debaixo do honroso emblema do trabalho, como os almirantes heroicos morrem envolvidos nas bandeiras que juraram defender.

L. A. PALMEIRIM.

INTERMEZZO

Quando contemplo as pétalas nevadas
D'uma virginia rosa.
Que as descerra gentis e perfumadas
Do sol á luz radiosa,

Não vejo n'essas pétalas brilhantes
A sombra do fulgor
Das tuas bellas faces deslumbrantes,
Meu doce e casto amor!

Porto—1885. ALFREDO ALVES.

A MÃE E O FILHO

OS LOBOS

Chovia, se Deus a dava, n'essa noite. Noite de fins de dezembro, enregelada das aragens que vinham de passar sobre as neves da serra, que ao fundo se adivinhava enorme e negra, negra das suas penedias e da alta noite sem lua. A paizagem, torvelinhava pelo vento e pela chuva, estendia-se ao infinito, cheia do rumor das mattas e das levadas precipitando-se no escuro, sem se saber onde nem como. N'aquella immensa bacia, em que a estrada desenrolava aos zigue-zagues a sua fita pallida, nenhuma luz brilhava pelos casaes, que alli deviam jazer dispersos, e d'onde ao cahir da noite subiam as fumaradas da ceia, tranquillamente, como um repouso a mais na paz crepuscular dos campos. De todos os lados, vinha um uivo prolongado do vento, que fazia dobrar e ranger os arvoredos; lá do fundo, elevava-se o mugido surdo do Alva, que devia ir todo barrento, levando adeante de si os pedregulhos arrancados ás barrocas e aos açudes.

Postada no fundo da encosta, do outro lado da ponte, era a estalagem. Quando a diligencia da carreira chegava, com a vivacidade alegre dos seus cavallos que farejavam a mangedora, emquanto que o conductor tocava na sua corneta a fanfarra jovial da ceia, a meza estava posta de lavado, e o vinho palhete do sitio reluzia em duas grandes garrafas brancas, sob o candieiro suspenso que ateava faúlas immoveis nos pratos de pó de terra, ladeados de guardanapos de linho e de talheres açacalados como armas brancas.

N'aquella noite, porém, demorava-se extraordinariamente o carro. Umas poucas de vezes, a gente da estalagem pozera o ouvido á escuta, julgando perceber nos rumores da tempestade um toque de corneta, lá muito ao longe, como que esfalfado e clamando por soccorro; era quasi sempre o mugido do rio, mesmo ao lado da casa, precipitando-se para o escuro com as suas rapinas de pedregulhos e de arvores meio creadas, como um animal soffrego que foge para a treva com um osso. Quando deram onze horas no relogio da sala de jantar, o estalajadeiro pensou que o conductor teria perdido a sua corneta, e veio á estrada, defronte da porta, olhar. Mas não viu nada além da ponte, a noite estava escura como um prego. Lembrou-se então de chamar, n'um intervallo em que a tempestade tomava o folego para melhor bramir; e chamou pelo nome do conductor, no extenso grito dos camponezes que se interrogam a kilometros de distancia, monotono e triste. Na noite invernosa, o grito foi-se perder ao longe, por entre o *ú-ú* do vento nas mattas, deixando a paizagem mais tragica e mais agonisante.

Houve reboliço na estalagem. Uma creada fallou vagamente de ladrões, de lobos, e acolheu-se para mais perto do lume, resmungando, emquanto que o moço da muda accusava aquella maldita noite,—alguma roda partida no descampado, decerto... Lembravam-lhe muitas noites assim, com o diabo á solta por essas estradas, e leguas que elle tinha de marchar a pé, sósinho, quando era ainda conductor, com um archote acceso na mão e outro apagado debaixo do braço, para ir buscar soccorro á muda mais proxima, que ás vezes ficava a tres leguas de distancia; e via-se ainda n'esses apuros, enregelado, transido do terror dos descampados em noites de invernia, descobrindo um phantasma em cada pinheiro que esbracejava sobre o fundo livido do ceu, e rezando padre-nossos a fio até lhe apparecer estremunhado o moço da muda, que desandava n'uma torrente de pragas ao saber que tinha de se levantar do seu feixe de palha, quentinho alli ao bafo do gado, para o mau tempo da estrada, sabe Deus até que horas. E julgava-se feliz em ser coxo, que o não viriam chamar...

—«O que eu queria era a muda passada, para poder dormir á vontade,—concluiu elle em voz alta.»—

Tinha abrandado um momento o vendaval, e o estalajadeiro apurou o ouvido a um rumor. Patas de cavallo soavam não muito longe, mas do lado contrario áquelle por onde tinha de vir a diligencia. Foi á porta escutar e ver; até certa distancia, abrangia a lista branca da estrada, e viu então desembocar n'ella um vulto indeciso que pouco depois se separou em dois, um mais pequeno e outro maior. Chegavam logo em seguida um homem a cavallo e um cão de grande marca. O homem apeou-se:

—«Olá! boa noite, Manuel!»—

Voz viva e forte.

—«Boa noite... Ah! é o sr. barão... Muito boa noite, meu senhor!—disse então o estalajadeiro, sahindo fóra, e empurrando o moço da muda para ir tomar conta do animal.»—

A egua ficava-se a sacudir-se, muito nervosa, muito fina, emquanto que o homem, todo embuçado, entrava na sala de jantar, tropego da longa marcha a cavallo, com as esporas a tilintarem nas botas. O viajante abriu o seu pesado capote, forrado de baeta vermelha, esteve um momento a piscar os olhos á luz; era um homem bem apessoado, com a expressão um pouco dura dos que vivem sempre no campo, mas temperada por um certo ar de intelligencia.

—«Venho dos Corvaçaes, morto de frio e de fome,—disse elle ao estalajadeiro, que lhe chegava uma cadeira. Hein, ó Manuel, por que diabo não topei eu a diligencia no caminho?» —

— «Ainda ella não chegou, sr. barão. Estou inquieto com a demora ..»—

—«Pois eu estou mais quieto do que estava. Vinha com medo de encontrar tudo comido. Anda, manda trazer a ceia dos passageiros. Não me ouviste dizer que estou com fome?» –

Já a creada trazia uma grande terrina coberta. O viajante destapou-a, e poz-lhe voluptuosamente o nariz em cima, a aspirar o bom cheiro que ella deitava a caldo de gallinha. Sorriu-se, e comeu com voracidade, escutando as historias que o estalajadeiro lhe contava. Ao segundo copo de vinho, lembrou-se do cão, que se lhe tinha deitado aos pés, com a cabeça á espreita de algum bocado:

—«Nero, tu queres este chouriço?»—

Tinha tirado um chouriço inteiro da terrina, e suspendia-o sobre o cão, espetado no garfo. O cão pozera-se de um salto a pé:

—«Abocca!»—

E fez cahir o chouriço; o cão apanhou-o nos cróques agudos e alvos como porcelana. Era um magnifico cão de lobos, muito novo, musculoso e de pello erriçado na testa; trazia uma larga colleira de ferro com púas de aço, a sua armadura de combate, ainda virgem.

O estalajadeiro observou:

—«Boa companhia! Com um bicho d'estes não tem o senhor barão medo aos lobos que andam cá pelo sitio!»—

—«Hum!... Eu te digo, Manuel: fio-me mais no meu revolver. O Nero ainda não foi experimentado.»—

E contou, engolindo algumas palavras juntamente com pedaços de bife, molhando outras em grandes góles d'aquelle vinho que rachava pedreneiras, como aquella raça de cães sahia amiga ou inimiga dos lobos, por uma extravagancia do cruzamento das raças, em que não ha previsão possivel. Comia a regalada, para matar a fome e o frio. Quando chegou ao fim da travessa dos bifes, pediu queijo velho da Serra, e poz-se a saboreal-o, ligeiramente apimentado, regando-o com a segunda garrafa de vinho. Qualquer outro homem teria uma indigestão na machina; elle, apenas se sentia na doce plenitude de um homem que tem finalmente a barriguinha conchegada. Tirou um charuto do bolso, trincou-lhe a ponta, e poz-se a fumar com delicias; ao cabo de um minuto, em que o estalajeiro não cessara de fallar, ergueu-se de chofre.

—«Que pena,—disse elle,—ter de voltar já para o frio! Se não fosse estarem á minha espera pela manhã em casa de meu irmão...»—

Pagou, mostrando a coronha de um bello revolver ao tirar a carteira do bolso falso. Tinha decorrido meia hora, a diligencia continuava a não dar signal de si, a egua já estava á espera defronte da porta. O sr. barão assobiou:

—«Nero! Nero! vamos, a caminho!»—

E montou, emquanto que o cão abalava de escantilhão da cosinha para a estrada, trotando adeante da egua.

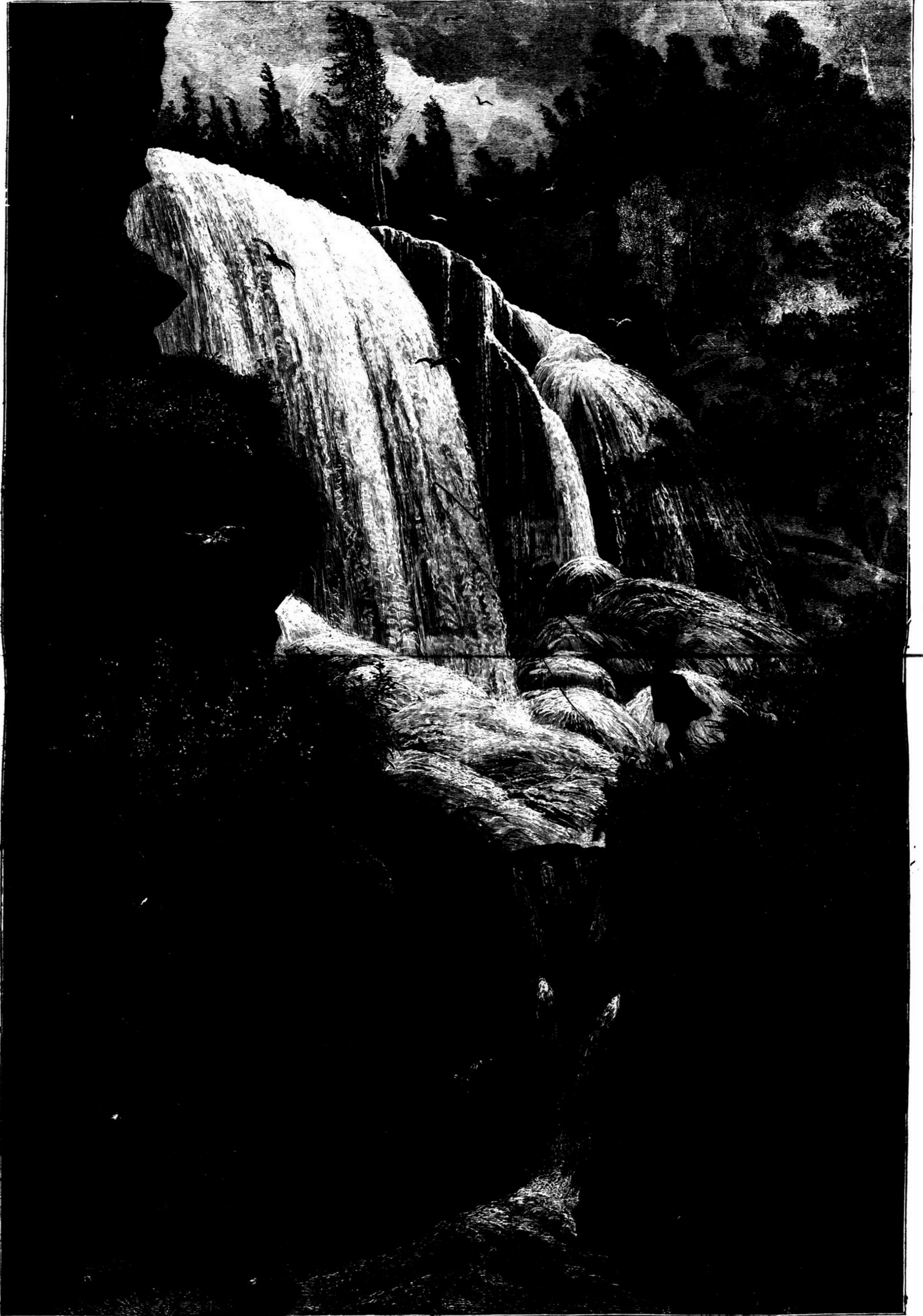
—«Boa noite!»—

—«Muito boa noite, sr. barão!»—

Cessára a chuva, e o frio recrudescera, ao mesmo tempo que se fizera luar sobre os campos. A egua foi subindo a encosta, sempre com o Nero adeante, *tic-tic* por alli fóra, com as orelhas arrebitadas e os cróques á mira. A espaços, havia uma aberta para o valle, emquanto que os pinheiros, do outro lado, encabritados no cimo do talude, ramalhavam e bramiam, similhantes a espectros que viessem, n'uma desolação sem remedio, lamentar-se á beira dos caminhos; e ahi, lascas enormes de schisto pendiam sobre a estrada, meio lavadas da terra pela chuva, em risco de se despegarem e precipitarem pela encosta abaixo até ao Alva, que fazia sempre com o seu mugido surdo o côro d'aquella tempestade tragica. Os cães de guarda, recolhidos, não ladravam uns aos outros como nas outras noites, em que parecia trocarem atravez das herdades o *álerta* de sentinellas dispersas n'um acampamento. No extremo horisonte, os cabeços ultimos da serra mal se destacavam do ceu encarvoado por uma linha de alvura indecisa.

Subito, o cão estacou, emquanto que a egua estremecia e fitava as orelhas, recuando. Tinha-se chegado ao cimo da encosta, o silencio era infinito sob a alvura do luar e sob aquelle ambiente de gelo. O barão compoz-se nos estribos, picou de esporas á egua, que deu um galão para a frente, e Nero partiu de repente á desfilada. Tinham passado no cotovello da estrada duas sombras, uma apoz outra, para a esquerda. Eram lobos; o barão tinha-os reconhecido perfeitamente, sem por isso se inquietar muito. Mas pôl-o então de pé atraz a attitude do cão, que depois da sua corrida, ao cabo da qual parára, avançava devagarinho, e parecia querer sahir da estrada, tambem pela esquerda, como os lobos. O cão sahiu, com effeito. Sempre cautelosamente, o barão fez avançar a egua, e poude vêr tres animaes, os dois lobos e o cão, que a pouca distancia se farejavam, como que a fazerem um reconhecimento. Rosnou:

—«Hum!...»—

E mettendo a mão no bolso falso, apalpou a coronha do revolver, desembuçando-se pouco a pouco. Tirou-o para fóra; no mesmo instante, sem uma hesitação, sem um rosnar, o cão cahia so-

A CATARACTA DE SAWKIL

bre elle n'um salto de tigre, e cravava-lhe no hombro os seus cróques brancos, que só tres balas conseguiram desapertar. Os lobos tinham fugido ás detonações, e o cão escorregava morto sobre a estrada.

BELDEMONIO.

OLHAR DE MINHA MÃE

Aquelle olhar, que sinto em mim fixado,
Inquieto, indagador, tem tal ternura,
Que mais o vejo e mais se me afigura
Ver dentro escripto n'elle o meu passado.

Nasceu quando eu nasci; foi a meu lado,
N'aquella suavissima doçura,
Como estrella a guiar-me em noite escura,
E sempre o meu abrigo, eu—seu cuidado.

Olhar de minha mãe, tão casto e santo,
Se me foges ás vezes, é que o pranto
Quando soffro, occultar-me tu desejas...

Então, sorris chorando... Uma tormenta
A' luz do sol... Olhar que me sustenta,
Olhar de minha mãe, bemdito sejas!

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

NATURALISMO E POESIA

(LUIZ UBACH)

A sr.ª de Chablis á sr.ª des Riceys

Paris, 15 de abril, 1885

MINHA QUERIDA

Acaba de succeder-me uma aventura que parecia medonha, á primeira vista, mas que afinal é grotesca. Apresso-me a contar-t'a, porque desejo que me tranquillises completamente. Sabes que a embriaguez da leitura tornou-se para nós, pobres mulheres, mais pesada e mais perigosa, desde que engulimos tantos romances naturalistas? Quando os digerimos, assaltam-nos terriveis pezadellos. E se não os digerimos, nem por isso escapamos ao enjôo que provoca o vomito. Possuo um valente estomago litterario; não sou hypocrita; desejo estar ao facto de tudo que se passa sobre a face do glob .

Entretanto, como decerto approvarás, minha querida, nós, mulheres, expomo nos a grandes perigos, decifrando palavras que nossas mães ignoravam, o que não obstava a que valessem mais do que nós, e encarando a vida como um antro ou um esgoto.

Comprehendo o galanteio d'esse aldeão hespanhol, dizendo á rainha, que lhe perguntava se elle a achava formosa:

—Vossa Magestade é formosa como o nosso bacoro! Não ha nada a deitar fóra! Todos os bocados são bons!

Este camponio era um espiritualista.

Os nossos romancistas humilham-n'os, servindo-se da mesma imagem, sem a affirmativa de que *todos os nossos bocados são bons.*

Os homens são medidos pela mesma craveira, em relação ao naturalismo: aviltam-os, desprestigiam-os, mostram-os devorados de todas as cubiças, de todas as ambições, excepto da honra, do trabalho, da liberdade; arrastam-os na lama, onde procuram as truffas; é esse o unico merito que os romancistas naturalistas lhes concedem.

*

Tu não ignoras, minha querida, de quantos peccados fazem a truffa responsavel. Os homens desenterraram-a, para nosso uso, na litteratura nova, sendo essa a represalia da maçã.

E que vingança! não se trata de amor, de sentimento, de sacrificios, de dores partilhadas: toda a questão reduz-se a amar a truffa, a fazel-a amar, e a não desejar mais nada. Em vão protestaremos contra esta ignobil voracidade: em vão procuramos avistar uma nesga de ceo azul atravez do prosaismo de um insaciavel appetite. . Adivinho que não me comprehendes e felicito-te. Que te baste saber que eu, viuva, moça, dotada de uma excellente saude physica e moral, sinto-me perturbada perante essa legião de femeas sem alma e de homens sem espirito, que incommodam o nosso pudor, desafiam a nossa sensualidade e zombam da nossa delicadeza.

Ha momentos...

De resto, eis o que me succedeu.

*

Eu estava, hontem de manhã, no meu *boudoir*.

Acabava de ler não sei que historia *perburbante* (como hoje se diz); sentia-me fatigada; tinha somno, ou antes experimentava um desejo vago de sonhar... De repente, ouvi distinctamente ao meu lado, na sala, um ruido que durava havia um quarto de hora, mas que me passara desapercebido.

O ruido fez-me mal aos nervos; levantei-me e abri a porta.

Era Luciano, o meu criado de meza, que encerava a sala.

Estava habituada a ouvir este ruido, mas nunca, como hontem, elle me incommodara.

—Falta-lhe ainda muito, Luciano? perguntei em tom imperativo.

—Não, minha senhora, respondeu o criado, córando até ás orelhas, são apenas cinco minutos.

—Bem, veja se acaba.

Luciano obedeceu.

Olhei para elle. Para trabalhar á vontade, e sabendo que eu não ia nunca assistir á limpeza das salas, Luciano despira o casaco e o collete, arregaçára as mangas e descalçára um sapato.

Comprehendi que a minha presença o intimidara; voltei para o *boudoir*, deixando a porta aberta, e sem saber porque, continuei a olhar. Tu sabes que Luciano não é feio Gosto de caras bonitas; a d'elle é regular, clara, com cores vivas.

E' evidente que o tomei em virtude dos seus excellentes attestados, mas não o teria nunca admittido ao meu serviço se elle fosse desastrado, franzino, e tivesse o aspecto de um parvo.

Até então, não reparara na sua figura, nos seus gestos.

O rythmo dos seus movimentos dava-lhe um forte destaque ás ancas e ás pernas; elle apoiava o braço, semi-nu, com uma força de athleta, no cabo da vassoura, e a espaços sacudia a cabeça, para levantar o cabello da testa, o cabello fino e correctamente penteado.

Os romances anatomicos da nova escola instruem-nos sobre uma infinidade de detalhes. Admirava a gymnastica que põe em evidencia a flexibilidade do corpo humano. Aquelle exercicio assimilhava-se a uma especie de dança. Sentia impulsos de me assentar ao piano e de acompanhar com musica o meu elegante creado.

Estava doida, não te parece? Vais vêr como eu fui punida d'esta loucura.

*

Logo que Luciano acabou de encerar o *parquet*, arrumou os trastes, collocou todos os objectos nos seus respectivos logares, e sahiu para ir buscar as flores da jarnideira, que elle tem sempre o cuidado de recolher na estufa, emquanto limpa as salas.

Eu estava na sala; olhei para o chão, que brilhava como um espelho. Pensei em todos os homens que o sujam, e achei que poucos soffreriam, sem desdouro, um confronto com o esbelto rapaz que o burnira.

Luciano voltou, vestido com o seu habitual esmero, trazendo as flores nos braços, e pareceu surprehendido, ao vêr-me em contemplação deante da sua obra, córou, o que me fez córar, e foi lentamente dispôr as flores na jardineira.

Ahi deteve-se voltando-me as costas; presenti que os seus dedos tamborilavam no rebordo da jardineira; este facto intrigou-me; o que estaria elle pensando?

*

Ia talvez perguntar-lh'o, quando elle se voltou bruscamente. Empallidecera, o que não lhe ficava mal, e resolutamente, como um homem que vae commetter um crime, veiu direito a mim

Tinha-me assentado; levantei-me e encostei-me ao fogão.

—Tem alguma coisa a dizer-me, Luciano? perguntei com a expressão mais altiva que pude arranjar.

Não sei bem porque, mas senti que precisava ostentar todo o meu orgulho.

—Sim, minha senhora, respondeu elle, suspirando.

—E' muito urgente? E' que preciso sair.

Dei um passo para me afastar: Luciano teve a audacia de se collocar no caminho.

—Que significa isto, Luciano? acudi, levantando a cabeça.

—Sei perfeitamente que a senhora não me perdoará nunca, volveu elle com uma voz bem timbrada; sei que não poderei tornar a comparecer na sua presença, depois de ter fallado. Mas é mais forte do que eu. Sou um doido, um desgraçado e estou resolvido a não supportar uma recuza.

Calcula o bello medo, a vergonha que senti. Disse a mim mesma que se Luciano se lembrasse de representar o papel de Ruy Blas, eu, como uma estrella que cae do ceu, esmagaria esse verme da terra.

Estendi a mão para o cordão da campainha.

Luciano ousou, comprehendes este atrevimento? correr para o cordão da campainha e collocal-o fóra do alcance da minha mão.

—Supplico á senhora que não chame ninguem: succederia uma desgraça! De resto, eu não sou o que a sr.ª pensa, e não ha mal nenhum no que ouso esperar.

Tu, *mignonne*, terias desmaiado. Pela minha parte senti-me

invencivel; e depois havia tanta honestidade, tanta candura e submissão na expressão da sua voz, que quiz afrontal-o.

Póde fallar, disse com um despreso bem simulado.

Luciano teve um gesto aterrado, que o tornou verdadeiramente interessante; em seguida, abandonou-se impetuosamente á declaração que o torturava.

—Minha senhora, disse elle, offegante, não posso encerar a sala sem nutrir sonhos insensatos, ambições loucas... Penso nos bellos pares que me obrigam a burnir o chão... Revejo-os, tal qual tantas vezes os tenho visto, quando a senhora dá bailes... elles valsam mal.. indignam-me.. a mim, que tenho uma irresistivel vocação para a valsa . mas onde achar uma valsista? Perdoe-me; o que vou dizer é extravagante; a senhora valsa de uma maneira admiravel... quereria.. quero valsar uma vez com a senhora Esta idéa tortura-me, desde que a sr.ª me esteve vendo encerar a sala... e se a sr.ª consentisse...

*

Como de certo prevês, eu não podia consentir; mas ri, ri tanto e tanto, que fiquei estonteada

Luciano aproveitou-se d esta circumstancia para me enlaçar a cintura, arrastar-me e fazer-me girar. Elle valsa, minha filha, como o vaqueiro allemão de que falla Alfredo de Musset, e nenhuma duqueza teve nunca um valsista egual, leve, agil, robusto. Guiava-me á superficie d'esse espelho, que os nossos pés tocavam apenas! Devia ser bello para quem podesse ver nos! Ao sentir a minha fadiga, deixou-me diante de um *fauteuil*; depois, recuando, de cabeça pendida no peito, saiu da sala e saiu de casa. Nunca mais o tornei a ver, não o verei mais; elle tem uma tia velha, que deve vir receber o ordenado.

Escreveu-me duas linhas, para me pedir que lhe pagasse os oito dias que excederam o mez! Pagar-lhe-hei quinze! pobre rapaz, magnifico valsista! vel-o encerar o chão, não era nada; vel-o valsar, era ideal.

*

Eis, minha querida, a annunciada historia. Se não fossem os romances naturalistas, nunca me teria lembrado de ir vêr Luciano no exercicio das suas funcções. Não teria sido impellida a uma analyse que o perturbou e fascinou. Não teria experimentado os cobardes medos que me assaltaram; elle não teria tido aquella audacia, eu não teria valsado, e não me ficaria a vergonha da minha fraqueza e um certo enleio intimo que me faz sorrir, quando penso que, curvada no hombro do meu creado, despertaria de certo um ciume doido ao visconde de Z.. ao barão de P..., e que d'ora avante não poderei valsar com elles, a menos que não tenham feito as suas provas na qualidade de enceradores.

Eu rio, mas confesso-te que não estou satisfeita. Suppõe-me um pouco mais fraca para o naturalismo na gymnastica?

Valsar-se-ia na côrte de Maria de Neubourg, e a rainha de Hespanha, que se aborrecia tanto, amaria ella mais apaixonadamente Ruy Blas, se em vez de o vêr presidir ao conselho, o visse encerar primeiro e valsar depois?

Rasga a minha carta; não falles n'isto a ninguem e conserva as tuas alcatifas, mesmo durante o verão; é mais prudente.

Quanto a mim, perguntarei aos creados que vierem offerecer-se se sabem valsar, e todos os valsistas serão recuzados.

Toda tua

E. de Chablis.

ESMERALDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

QUINTA REAL DE QUELUZ

A nossa gravura representa a saida dos jardins da quinta real para o parque de Queluz.

O palacio de Queluz é, de certo, a mais bella e a mais agradavel de todas as habitações reaes que ha no paiz. Embora composto de corpos differentes nas fórmas e na altura, uns recuados, outros resaltando, a falta de harmonia no exterior é compensada com algumas bellezas architectonicas parciaes, com a profusão de esculpturas e com as ricas decorações dos aposentos

Treze salas são vestidas de espelhos e guarnecidas de obra de talha doirada, e teem o pavimento de marmore de cores, em xadrez, ou de madeiras de variadas côres e qualidades e embutidos de differentes feitios. A *sala das talhas* e a *das serenatas* são as principaes em grandeza e riqueza.

D. Pedro III, a quem veiu a pertencer por decisão de litigio com seu primo, o infante D. Antonio, resolveu fazer da quinta de Queluz o Versailles de Portugal.

Os trabalhos começaram poucos mezes antes do terremoto de 1755, e progrediram até á morte de D. Pedro III, succedida em 1786.

Oito annos depois, a rainha D. Maria I fez edificar o novo corpo do palacio, onde habitou na sua viuvez

No fim do seculo passado a familia real fixou a sua residencia em Queluz até 1807, em que a invasão franceza a levou a demandar asylo no Brazil, onde falleceu a rainha D. Maria I.

Regressando a Portugal el-rei D. João VI e sua familia, em 1821, foram morar no paço de Queluz.

Em 1827 recebeu-se na capella d'este paço a sr.ª infanta D. Anna de Jesus Maria, com o marquez, depois duque, de Loulé.

No dia 7 de janeiro de 1830 finou-se ahi a rainha D. Carlota Joaquina.

Em 24 de setembro de 1834 ahi falleceu tambem D. Pedro IV, no proprio quarto em que nascera.

Os jardins são muitos, muito grandes e variados. Os principaes estendem-se diante das diversas fachadas do palacio.

De todas as salas mais nobres se abrem portas de vidraças, que communicam com estes jardins, que são adornados de numerosas estatuas e vasos de marmore, e de lagos de todos os tamanhos e feitios, com repuxos de muita diversidade.

A' saida dos jardins para o parque erguem-se dois altos pedestaes, servindo de base a duas estatuas equestres, allegoricas da Fama. São de marmore, e foram esculpidas por Manuel Alves e Silvestre de Faria Lobo, segundo desenho do architecto Robillon, que fez e dirigiu a planta e as decorações dos jardins.

Junto ás estatuas equestres, para o lado do parque, prolongam-se dois grandes tanques.

A quinta foi delineada conforme o gosto italiano.

Ao parque segue-se a tapada, separada por uma cerca de muros.

A MÃE E O FILHO

O quadro é sympathico. Parecerá ao leitor rever-se nas suavissimas claridades da sua infancia, como aquella creancinha se revê ao espelho que reproduz a imagem á sua ingenuidade assombrada, como a mãe se revê nos encantos e meiguices do filhinho, que aperta ao peito com extremos de amor sem egual.

Felizes os que não deixam apagar na alma os meigos raios d'esta aurora; felizes os que não esquecem, durante a vida toda, que tiveram mãe que os ameigou assim.

A CATARACTA DE SAWKIL

E' no centro de uma das mais pittorescas regiões da America do Norte, que se despenha esta cataracta.

O rio de que toma o nome não é dos mais reputados pela sua largura nem pelo seu comprimento. Mas junto ao Delaware, entre a Pensylvania e a Nova Jersey, apresenta um dos espectaculos mais grandiosos que se póde imaginar. Poucas cataractas rivalisam com esta em magestade e belleza, não só pela altura da queda d'agua, como pela formosura das margens que lhe servem de quadro.

O CANTOR SABOIANO

Transparece n'aquelle olhar supplicante a funda melancolia que se inspira do infortunio. N'aquellas faces desbotadas está impresso o sello da miseria.

Leva a existencia a cantar, vagabundeando pelas ruas e pelos caminhos, á mercê da caridade dos que passam, ouvindo aqui o motejo alvar de um, soffrendo acolá, resignado e paciente, a chufa brutal de outro.

A garotada esqualida ri-se da farraparia multicor que mal lhe disfarça a nudez do corpo. Os cães ladram-lhe á entrada das povoações por onde transita em demanda de agazalho.

E quanto mais se sente esmagado pelas torturas da fome, mais canta, o infeliz Quanto maior é o seu martyrio, mais repetidas e duradouras são as canções que se lhe exhalam dos labios. Cruel irrisão do destino!

E' que elle precisa de viver, e aquellas pobres canções, ora sorridentes e alegres como um gorgeio de rouxinol, ora melancolicas e tristes como um gemido de creancinha agonisante, são o seu ganha-pão.

Habituou-se ou acostumaram-n'o desde tenros annos áquella existencia bohemia. Seus paes tinham sido o mesmo, cantores da rua e das praças Haurio, com o leite materno, o germen d'aquelle modo de vida; apprendeu no berço coberto de farrapos a cantar para comer.

Bem creança ainda, mandavam-n'o, á torreira do sol, ou sob o rigor intenso da invernia, percorrer as aldeias mais proximas, prescrevendo-lhe a obrigação de trazer na sacola uma quantia certa. E o pobre pequeno la ia, descalço e semi-nú, com os cabellos annelados a emmoldurarem-lhe o rostinho contrafeito, bandeja na mão, e olhar supplicante, pedir ás multidões, nos seus cantos sumidos, que lhe dessem uma esmola.

Podia o sol, á vontade, abrazar-lhe a cabecinha gentil, ou a

chuva ensopar-lhe os miseraveis andrajos com que se cobria. O bom do pequeno saboiano caminhava sempre, até que na bandeja tivesse cahido a ultima moeda da quantia prescripta.

O infeliz, então, repousava por momentos, assentado sobre a primeira pedra do caminho, e punha-se a contar repetidas vezes o magro peculio colhido no seu gyro tortuoso e fatigante.

Cada uma d'aquellas pequeninas moedas, muito sujas e muito espalmadas, em que o attricto produzido por milhares de dedos asperos tinha apagado completamente o relevo dos caracteres, representava para elle compridas horas de fadiga. Cada uma das esmolas que colhera, aqui e acolá, significava um esforço enorme, um labor cruelissimo, uma canção soltada a custo por entre as angustias da fome e as agruras do cansaço.

Foi crescendo, crescendo, e, ou por que já estivesse muito affeito áquella profissão miseravel, ou por que se sentisse inhabil para outro mister, continuou a cantar de aldeia em aldeia, de rua em rua, de paiz em paiz, implorando de dia a caridade dos que se prestam a ouvir-lhe a voz cansada e rouquenha, dormindo á noite, como um cão, em qualquer palheiro desabrigado.

Quando não canta, não come; e é por isso que elle continua a entoar, na passagem, as cantigas singelas que lhe ensinaram no berço. Assim vive, e assim morrerá, cantando sempre.

BEJA— CASA DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

A nossa estampa representa, no primeiro desenho, a casa onde nasceu o padre José Agostinho de Macedo, em 1761; e no segundo a que no mesmo local foi mandada construir pelo sr. Antonio Ignacio de Sousa Porto, em 1854.

Entre as janellas da casa estão collocados dois medalhões. No da esquerda desenha-se um prelo, com a inscripção—Guttemb rg, 1450—No da direira lê se—Abril de 1860, por A. I. de Sousa Porto.

Na fachada do mesmo predio, para a rua da Capella, está uma lapide, em que se lê:

NASCEU N'ESTA CASA
E FOI BAPTISADO
NA EGREJA DO SALVADOR EM
18 DE SETEMBRO DE 1761
O SR. JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO
NOTAVEL ORADOR
E ESCRIPTOR PUBLICO
FALLECIDO
EM PEDROIÇOS (LISBOA) A 7 DE
OUTUBRO DE 1831

EM MEMORIA SE COLLOCOU
ESTA LAPIDE
EM
1860

O CANTOR SABOIANO

O padre José Agostinho de Macedo, que fôra eremita augustiniano, por causa das suas travessuras e infracções das regras monasticas mereceu, por sentença conventual, ser expulso da ordem, obteve breve de secularisação e passou ao estado de presbytero secular.

Por muitos annos exerceu em Lisboa o ministerio do pulpito, levando a primasia aos prégadores do seu tempo.

Em 1802 foi nomeado prégador regio; foi censor do ordinario nos annos de 1824 a 1829; socio da Arcadia de Roma e da Academia das Bellas Letras de Lisboa, com o nome de Elmiro Tagideo; deputado substituto ás côrtes ordinarias de 1822 pelo circulo de Portalegre; e, por nomeação de D. Miguel, em 21 de ... nho de 1830, substituto chronista do reino.

Homem de talento, de vasta erudição, e escriptor fecundissimo, deixou-nos immensas obras em prosa e em verso.

No diccionario bibliographico do sr. Innocencio Francisco da Silva, obra que todos os homens de letras devem possuir e podem consultar com proveito, encontram os nossos leitores noticia des

envolvida ácerca das producções litterarias de José Agostinho de Macedo.
De entre as suas poesias sobresáem os poemas: *O Oriente A Meditação, Newton, Viagem extatica ao templo da Sabedoria, A Natureza, Contemplação da Natureza. O novo Argonauta e Os burros ou o reinado da Sandice.*

Á LA BELLE INCONNUE

«Oh! que famintos beijos na floresta!»
CAMÕES.

Fosses tu a pequena e pura gota d'agua
que dorme na folhagem,
e eu quizera ser logo a timida violeta
beijada pela aragem.

Se Deus te transformasse em perola d'orvalho
e a mim na simples flor,
que alegre a nossa vida então deslisaria,
como um sonho d'amor!

Entre as plantas gentis, no meio da campina,
leaes e bons amantes,
ouviriamos, qu'rida, as vagas harmonias
dos grandes ceus distantes.

De noite, e ao luar, na sombra das encostas,
os dois, sem mais ninguem ..
que idyllio tão formoso o nosso, minha filha,
meu casto e doce bem!

Quem sabe o que segreda o lyrio, na espessura
aos seios nus da rosa? ..
e o que é que faz chorar as alvas açucenas
em noite silenciosa?

Por isso eu queria ser a timida violeta
beijada pela aragem,
se tu fosses, amor, a perola d'orvalho
dormindo na folhagem.

U. DE S.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

O appellido d'este palmipede usa-se—1—2.

Mathosinhos. LEMANN.

Na India esta ave leva-se ao hombro—1 2.
No theatro este vaso é planta—2—2.
Esta viga de ferro ata o verme—2-1.
Não é tua, não é tua esta raiz—2—2.

SALPU KAMIDER.

Com esta minha primeira
Eu não quero brincadeiras. — 2
Sôbre mim já terás visto
Esbranquiçadas esteiras. — 2

Para o meu todo encontrares,
Não precisarás ter azas;
Sem grande custo o verás
Lá dentro da tuas casas.

Eu sou nota musical — 1
E conhecido joguinho; — 1
Sou contracção muito usada, — 1
Que vês em qualquer livrinho. — 1

Posto que mui pequenino,
Produzo revoluções;
Faço tremer os governos
E zombo dos batalhões!

Lisboa. J. A. D.

ELECTRICAS

A's direitas animal, ás avessas grandeza—2.
A's direitas doença, ás avessas acolá—2
A's direitas animal, ás avessas come-se-2.

Coimbra. SALPU KAMIDER.

ENIGMA MYTHOLOGICO

Formar o nome d'uma divindade pagã, tirando uma lettra a cada uma das musas abaixo designadas:
Terpsicore, Caliope, Thalia, Euterpe, Erato, Melpomene e Palymnia.

A. CARLOS BAPTISTA.

LOGOGRIPHO

(A FOCA PEQUENA)

Sendo bella nos seduz,
Mil encantos lhe encontramos.—1 e 3.
Que prazer alli fruimos,
E que delicias gozamos!—1 e 2.

Sendo bella nos encanta,
E nos traz d'amor perdido.—4 e 2.
Tirando os raios do sol,
Torna abrigo appetecido—3 e 2.

E' indicio de desgraça,
Isso lá não tem questão.—2 e 1.
Procurae-me um companheiro,
Não o procuras em vão.

(Monforte.) J D. C.

ENIGMA

Um homem conheço eu,
De cinco lettras formado,
Que dá, supprimindo cinco,
Um caso muito engraçado.

Das cinco lettras que tem,
Tirem-lhe cinco, e verão
Que ainda do mesmo nome,
Quatro lettras ficarão!

E, nas quatro que restarem,
Poderá vêr o leitôr
Palavra que a muita gente,
Causa *nojo* e dissabôr.

Das quatro lettras, ainda,
Supprima d'ellas um cento,
Se quer ter a *occasião*
De conhecer um portento.

Juntando-lhe agora cinco
A estas tres derradeiras,
Podem vêr onde florescem
As bonitas trepadeiras.

Para o nome saberem do sujeito,
De Diniz eu vou dar-vos o conceito:

Qual setta ao alvo, pelo campo endoso,
Com heroica firmeza.
A rematar correu o heroe famoso
A portentosa empreza.

A seus passos em vão barbara gente,
Horrendos cabos, syrtes estuosas,
Se lhe oppõe espantosas,
Que a seu pezar entrou no occulto Oriente.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

ENIGMA PITTORESCO

PROBLEMA

Achar, sem recorrer a meios algebricos, o menor numero que dividido por 27, 39 e 45, dá respectivamente para restos 7, 19 e 25

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Pedroso — Féfe — Reubarbo — Solda — Ratafia — Janeiro — Aspero — Ardente — Alcoentre.
DOS LOGOGRIPHOS: — Capacete — Fantoche.
DA CARTA ENIGMATICA: — Mauricio da Silva.
DO ENIGMA: — Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.
DO PROBLEMA:—No fim de 111 ou de 566 segundos.

N. B. — A ultima charada novissima do numero precedente levou indicação de que tem 4 syllabas, quando deve ter apenas 3.

ENTRE CYPRESTES

Chamava-se Amalia e tinha dezeseis annos...
A edade feliz, descuidada, sem temores nem preoccupações. Hoje um sorriso: amanhã uma esperança.
Nunca teve as pieguices enervantes das romanticas delambidas.
Um dia, em que leu a *Morgadinha*, chorou; sentiu-se incommodada, nervosa. A principio não percebêra; mas depois costumou se a ver de frente aquelle rapaz sympathico, aquelle pintor obscuro, de coração nobre e origem plebêa. Não gostára da morgadinha orgulhosa, soberba, com aquelles modos enfatuados e aquella linguagem sarcastica; mas a primeira lagrima que lhe viu, desarmou-a.
Era uma sensitiva.
Ruidosa, risonha, innocente, cantando sempre, assustava-se depressa, como a avesinha ao primeiro trovão. Educada entre flores, na grande liberdade serena dos campos, nunca sentira uma ambição, um desejo, uma curiosidade, cuidando das suas rosas e dos seus canteiros floridos. A's vezes pensava no ruido da cidade, que mal conhecia; mas durava isso um momento, e á tarde era um gosto vel-a, correndo em busca das borboletas, colhendo a sua flor predilecta, ou sentada, vagamente pensativa, na meia sombra do castanheiro antigo.
Uma creança adoravel, que o romper do dia encontrava sempre alegre, tendo ingenuidades encantadoras, gargalhadas pueris.
Erguia-se com as aves do jardim, cantando com ellas, e no peitoril da alcova, ainda no desalinho revolto da manhã, vinha surprehender o sol, que a beijava invejoso
Na creança revelava-se ás vezes a mulher de coração; n'esses momentos ficava presa, enleiada n'um alheamento indefinido, scismando. Porque? Que pensamentos lhe adejavam pela phantasia? Um anceio desconhecido, uma aspiração, um suspirar sem base?... Depois, erguia-se, bruscamente, a rir-se admirada.
Eram dois na casa: ella, e o pae, um soldado velho, de bigode branco, que combatera pela liberdade do seu paiz, e que fugira do mundo para se dedicar á educação d'aquella creança ingenua e boa.

*
* *

Vi-a uma vez, por acaso, uma só, ao cair da noite, entre as sombras do pomar pequenino que a vira nascer talvez. Tinha os cabellos negros, ondeados, o olhar profundo, aberto, leal,—olhar que sorria,—boca pequena, fresca, faces niveas, com ligeiros tons de carmim, cintura delgada, flexivel como o junco a quebrar-se...
Ao pé do castanheiro havia um banco. Quando ella partiu, curvei-me sobre um livro para ali esquecido: eram as *Flores do Campo*.

Annos depois, n'uma tarde de setembro, calmosa, voltei. Ninguem...
A casa estava abandonada e triste. A relva crescia no pateo, e não havia uma flor sequer nos canteiros resequidos. A fada sumira-se para não mais voltar.
Vinte mezes antes fôra visto no sitio um rapaz desconhecido, elegante, e desde então o jardim começára a despovoar-se.
Uma noite, um pastor que recolhia ouviu gemidos ao pé da fonte, e ao acercar-se, pareceu-lhe ver um vulto branco que deslisava entre as arvores.
No dia seguinte um velho chorava ao pé da casa deserta, e um mez depois os sinos da aldeia dobravam tristemente. Lançava-se á terra o cadaver d'um homem que morrera na vespera e que apenas tivera ao pé de si, nos ultimos momentos, um padre desconhecido.
D'ella, ninguem mais ouviu fallar.
Tinha deixado uma carta—diziam — carta que ninguem viu e em que pedia perdão ao pae. Outros affiançavam que fôra roubada, e o primeiro camponio que interroguei, disse-me, indeciso, que se «alembrava d'isso», d'essa familia, mas muito vagamente ....

....

Hoje está ali uma pedra humilde entre as urzes; ao lado, uma cruz quebrada com um nome gravado. E' o que resta.
Repousam ali as cinzas d'alguem que amou e soffreu. Um nome e uma data recente, mas nem uma flor, nem uma corôa de perpetuas.
Se teve um ente querido que o chorou por momentos, o decorrer dos dias secou as lagrimas porventura vertidas. Ninguem mais recorda aquelle recanto affastado. O que passa lança-lhe ás vezes um olhar casual, distraido. Os que entram aqui, vêm em busca d'outras lousas, e, só de longe em longe, algum crente que se deteve um instante, murmura uma Ave Maria. Mais, nada.
Por cada dia que passa, uma camada de pó a cobrir o pó.
Um nome obscuro, vulgar, é o que ficou d'um passado que se perdeu. Não ha aqui o vestigio d'uma lagrima
Um desgraçado que não deixou um affecto. Viveu n'um ermo, rodeado de hypocrisias, e a morte arredou-lhe da campa a dôr, n'um ultimo olhar humido.
De longe em longe apparece, ajoelhada sobre outra campa, uma ou outra mulher que chora, uma esposa, uma irmã, que vem á tarde, ao descair do sol, deixar na pedra avára uma lagrima de saudade, como um beijo suave, resvalando da alma angustiada e cruzando a eternidade em busca do espirito que fugiu.
O pranto sincero, sem a arde, que procura a solidão entre os cyprestes. Ao sair, não deixará nos braços da cruz a corôa artificial comprada no caminho, a offerta que se impõe, como demonstração da saudade que reapparece de anno em anno.
Ao deixar o campo santo, deixará tambem sobre a pedra uma parte d'essa outra flor sempre viva, que se lhe enraizou n'alma.
Não haverá sobre aquelle berço immovel uma planta damninha, um atomo de pó, um espinho.
Ali, o cuidado assiduo; aqui, o esquecimento que entristece: n'um, o perfume d'uma violeta; na outra, a folha que o vento arrastou ao acaso: n'aquella, uma oração muda; n'esta, apenas a sombra inclinada d'uma cruz partida.

Um dia, é possivel, virá repousar entre estes mesmos cyprestes, o cadaver d'uma mulher formosa, estrella decaida, que ninguem verá morrer: e quando, porventura, alguem tentar descobrir o sitio, encontrará apenas, gravado em pedra, o numero official que substitua um nome — Amalia.

LORJÓ TAVARES.

O PIANO DE PLEYEL

Esta historia passou-se já ha uma boa duzia de annos.
Ella, a elegante *cocotte*, que honrou o nome nacional n'essa carreira de deshonra, dorme de ha muito o grande somno n'uma cova qualquer do cemiterio dos Prazeres, sem um distinctivo sequer que lembre o nome d'aquella que foi tão fallada, que encheu tanto os theatros e as festas com os deslumbramentos das suas *toilettes*, que deu tanto pasto ás conversações lisboetas, com o ruido dos seus escandalos galantes e aventureiros!
Não iremos arrancar ao grande livro dos mortos esse nome já esquecido, para o trazermos para aqui, para uma anecdota alegre; charmar-lhe-hemos Amelia, por exemplo, e a historia nada perderá com isso, e o seu nome ficará eternamente n'esse silencio tranquillo do esquecimento.
Amelia era mais do que uma mulher formosa, uma mulher interessante, uma fascinadora pequenina, para uso d'uma capital modesta, pouco dada ás grandes loucuras ruinosas dos peccados galantes.
Tinha mais espirito do que ordinariamente se encontra por ahi nas *croqueuses* d'ordenados d'amanuenses; era alegre, aprendera em viagens a Paris um certo chic que fazia grande successo em Lisboa, e que a destacava do nosso *demi monde* aburguezado e pelintra.
E de Paris trouxera ella tambem uma certa phantasia caprichosa de bohemia á Murger. No meio do commercio do seu coração, abria de vez em quando largos parenthesis á poesia; e não era raro trancar a miudo o seu livro de rasão, para começar a escrever um romancesinho mais ou menos desinteressado e sentimental.
Um brasileiro que esteve aqui, e que ha muitos annos voltou para a sua terra, regressava n'esse tempo de Paris, de andar por lá na vida airada.
Deixára em França uns milhares de francos, mas em compensação trouxera uma larga experiencia do mundo.

Chegado a Lisboa namorou-se de Amelia, logo, como não podia deixar de ser. Vinha de Paris, e ella era a mulher que mais lhe podia recordar as suas conquistas do *Bois* e dos *Campos Elysios*.

Amelia viu n'elle só um *brasileiro*, e foi sob este ponto de vista que lhe acceitou a côrte.

Elle conheceu immediatamente o *jogo* de Amelia e feriu-se profundamente nos seus melindres de homem elegante, de *parisien à bonnes fortunes*.

E entre os dois começou uma guerra de morte: ella a querer amal-o a peso de ouro, elle a querer fazer-se amar a peso de amor, simplesmente.

E as coisas andavam assim ha quinze dias, e a victoria não se decidia por nenhum.

Finalmente, cansado da lucta, elle aproveitou um ensejo que se lhe offereceu de pôr um ponto final no duello que emprehendera.

Um dia Amelia mostrou desejos de ter um piano de Pleyel, um d'esses pianos queridos de Chopin, e que lhe encarecera muito um cantor de S. Carlos... que não fôra brazileiro.

—Quer um piano, disse o brazileiro, um piano de Pleyel? Pois bem. Terá o piano de Pleyel.

E no dia immediato quatro robustos gallegos depunham na sala de Amelia um Pleyel de grande formato, um instrumento magnifico, com as vozes mais suaves que teem chorado phantasias e potpourris pelas casas particulares.

Amelia ficou radiante. O piano valia pelo menos quinhentos mil réis. Triumphára ella. E então como um bom vencedor, um vencedor generoso e original, entregou-se sem condições ao vencido.

Passaram-se dois mezes n'uma perfeita lua de mel, sem que Amelia mostrasse lembrar-se de que o seu brazileiro era brazileiro.

Tudo acaba n'este mundo, e esse idyllio passado sob um Pleyel de quinhentos mil réis acabou um dia.

O brazileiro desappareceu: partiu para a sua terra.

Amelia não se ralou nada com isso: teve até um certo alivio.

—Deixal-o, disse ella a uma amiga, tocando um cancan da *Bella Helena* no famoso Pleyel — vão-se os brazileiros, mas fiquem os pianos.

D'ali a cousa de quinze dias, no principio do mez seguinte, Amelia é accordada uma manhã cedo, — ahi pela uma hora da tarde — pela creada, que lhe diz:

—Está ali um homem que vem buscar a prestação do piano.

—A prestação do piano? repetiu esgasiada Amelia, accordando logo.

—Sim, senhora.

—Não póde ser; dize-lhe que isso é engano, naturalmente é aqui para o lado.

A creada voltou d'ali a nada.

—Não senhora, diz que é para aqui.

—Não póde ser.

—Sete mil e dusentos: Olhe, aqui está o bilhete.

E aterrada, humilhada, Amelia leu:

Armazem de Pianos de F. & C.ª. A ex.ma sr.ª D. Amelia G.. terceira prestação d'um piano Pleyel grande formato... 7$200.

O brazileiro fôra, no fim de contas, o vencedor!

GERVASIO LOBATO.

BEJA — CASA DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Um conselho por semana

RECEITA PARA TORNAR O VINHO FRESCO

Para tornar o vinho fresco, tal qual como se tivesse estado mettido em gêlo, basta introduzir as garrafas n'um vaso qualquer, cheio de agua, onde se tenha deitado um pedaço de enxofre.

O vinho, assim, conservará a frescura durante duas horas.

A RIR

N'um hotel:

O creado bate á porta do quarto d'um hospede, e diz-lhe:

—Levante-se, meu senhor! Ha fogo no quarto n.º 5!

—No numero 5? E qual é o numero do meu?

—E' 12.

—Está bem; quando começar a arder o n.º 11 venha-me acordar.

E voltou-se para o outro lado.

ERRATA

Apesar de eu haver revisto as provas do artigo «Origem dos Intrujões em Portugal,» deixei escapar a data da Consulta da Real Junta do Commercio, que é 1772 e não 1792, como por engano se publicou

O lapso era facil de emendar aos que sabem historia, e a do marquez de Pombal principalmente. P.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA